

As incertezas dos devedores

A presente situação dos países endividados revela-se deveras crítica, apesar da série de ajustes promovidos nos anos que sucederam à crise de 1982. A grosso modo, o quadro pouco alterou-se e persistem os problemas de renegociação tradicionais. No entanto, outros elementos têm sido acrescentados ao cenário, gerando preocupações nada desprezíveis, sobretudo no que se refere à instabilidade monetária internacional que perdura há algum tempo.

Deixando de lado posturas meramente passionais sobre o assunto, alguns analistas têm procurado equacionar novas fórmulas de administração da dívida, num contexto que busca privilegiar o crescimento a longo prazo. Neste sentido, parte-se da necessidade de defender, em primeiro lugar, o crescimento dos países desenvolvidos e uma maior abertura de seus mercados, como tem sido aliás a tônica do discurso oficial norte-americano, endereçado principalmente ao Japão e à Alemanha.

De outra parte, considera-se que as políticas de ajuste aplicadas até agora surtiram poucos efeitos, limitando-se a atenuar o problema em vez de ampliar o leque de soluções. Os devedores — pelo menos alguns — procuram abandonar mais seriamente a retórica da moratória, cientes de que isso não contribuiria em nada para o fortalecimento da economia internacional e do sistema monetário mundial. Mesmo assim, sua atitude tem sido basicamente passiva. O México tornou-se exceção, ao lograr que o FMI concordasse com algumas condições de pagamento ligadas à evolução do preço do petróleo. Talvez essa alternativa possa ser mais explorada por outros países, de acordo com as especificidades de seu parque produtivo. Mesmo porque, propostas como a conversão da dívida em investimentos têm encontrado pouca ressonância, constituindo-se até agora em solução meramente marginal e não generalizável.

À crise da dívida acrescenta-se uma crise de soluções duradouras e que não engendrem riscos de repetição dos acontecimentos de 1982. Além disso, torna-se evidente que a instabilidade monetária internacional assume proporção crescente nas preocupações dos países desenvolvidos, dada a lentidão dos progressos observados recentemente. Isso deixa transparecer a impressão de que a fórmula de superação da crise de 1982 provavelmente não possa mais ser repetida. Os Estados Unidos parecem recusar-se a desempenhar novamente o papel de "locomotiva" da economia mundial, mesmo porque tampouco ostentam condições para tal. E uma perspectiva sombria nessa tentativa de dar fôlego ao crescimento atual trará maiores dificuldades aos devedores. Ou chega-se, dentro em breve, a uma solução para um impasse que, por enquanto, não se efetuou de todo, ou então nova recessão internacional será inevitável a curto prazo.